

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". (KARL MARX)

Órgão central da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #33 JANEIRO/2025



Para contribuir na direção do que apontamos no editorial desta edição nº. 33 do jornal Rumos da Luta, anunciamos que a nossa publicação, até então um projeto conjunto da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e União Reconstrução Comunista (URC), passa a ser oficialmente o órgão central da URC, uma vez que as duas organizações passaram por um processo de unificação recentemente. Trabalharemos para que essa unificação signifique um passo à frente na reconstrução do partido revolucionário do proletariado brasileiro, instrumento necessário para que tenhamos um direcionamento revolucionário para as lutas no sindicalismo e outras frentes que de fato defenda os nossos interesses de classe e para avançarmos no rumo da revolução socialista em nosso país. E aproveitamos também para contar o histórico desse importante processo no desenvolvimento da nossa organização. Tanto a URC quanto a CCT nasceram do descontentamento de diversos militantes como os rumos do movimento comunista brasileiro, dominado pelo oportunismo e pelo reboquismo, abandonando há muito tempo o horizonte revolucionário e os princípios fundamentais do marxismo-leninismo.
LEIA MAIS NA PÁGINA 2

SOMENTE O POVO BRASILEIRO PODE REALIZAR AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS

Leia o Editorial do Órgão Central da URC na página 2

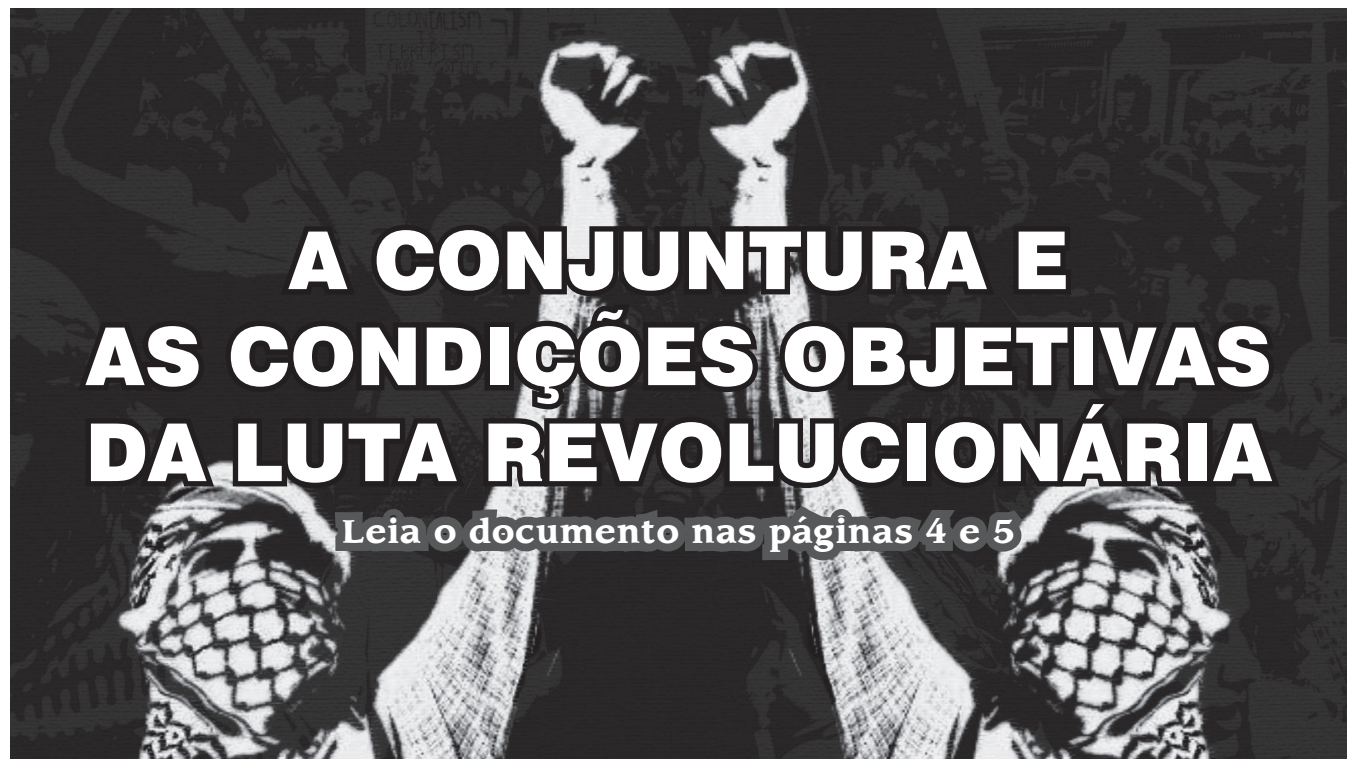
ORGANIZAR, LUTAR E VENCER



LEIA O ARTIGO NA PÁGINA 3

A CONJUNTURA E AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DA LUTA REVOLUCIONÁRIA

Leia o documento nas páginas 4 e 5



Professores e indígenas na luta contra os ataques contra a Educação no Pará

NACIONAL página 6

Laudelina de Campos Melo e a luta das trabalhadoras domésticas

MULHER página 7

PÁGINA 8

Notas de leitura de "Que Fazer?" de Lenin



SOMENTE O POVO BRASILEIRO PODE REALIZAR AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS

“Nos países civilizados, a arte da legislação consistiu frequentemente apenas em fazer uma infinidade de homens concorrerem para a felicidade de um número reduzido, mantendo, para tanto, a multidão na opressão, e em violar contra ela todos os direitos da humanidade”. **Helvétius** em *Do Espírito*

O ano de 2024 não foi dos mais felizes para a maioria do povo brasileiro, e seu final foi ainda pior, devido às diversas medidas regressivas e de retiradas de direitos tomadas pelo Governo Federal e pelos governos estaduais e municipais.

O Arcabouço Fiscal proposto pelo Governo Federal e aprovado em parte pelo Congresso, é tão ruim para os mais empobrecidos, que deputados da oposição falaram em diminuir suas consequências mais negativas, ainda que, como sabemos, tais falas sejam pura demagogia e interesses eleitoreiros.

Tais medidas, festejadas tanto por governistas, como por oposicionistas, não resolverão nenhum dos problemas da maioria do povo com alimentação, saúde, educação, habitação, etc. Mas isso não preocupa essas pessoas. Ao menos enquanto os prejudicados permanecerem calados.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em uma nota técnica sobre este pacote fiscal publicada em 06 de dezembro de 2024, afirma na página 12: “A política de valorização do salário mínimo tem se mostrado ferramenta crucial na redução das desigualdades sociais no Brasil. No entanto, a imposição de um teto para o aumento real pode reduzir a tendência de crescimento da renda das camadas mais

vulneráveis, perpetuando ou até ampliando as disparidades de renda no país. Assegurar que o aumento do salário mínimo pelo menos acompanhe o crescimento da economia pode contribuir significativamente para a redução do processo de concentração de renda no Brasil”.

Os governos Estaduais continuam privatizando tudo o que podem, destruindo o que resta dos serviços públicos

E nos municípios, os prefeitos também seguem na mesma linha, como na cidade de São Paulo, com Ricardo Nunes fazendo aprovar na Câmara, em dezembro, um projeto que ataca profundamente os serviços e servidores públicos, sobretudo, os profissionais de Educação. O Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal (Sinpeem) denunciou que “as medidas aprovadas nesta lei têm o propósito de retirar direitos dos profissionais de educação, alterar o modo de organização das escolas, baseado na autonomia relativa e gestão democrática. Cria insegurança permanente quanto a remuneração, jornada de trabalho e local de exercício do cargo. Impõe condições de trabalho que adoecem, além de significar um grande absurdo quando pune com a suspensão da JEIF, com redução de salários, pessoas que adoeceram ou por alguma razão, como li-

cença maternidade, possuem laudo médico que as afaste do trabalho”.

Como temos afirmado em nossas páginas, essa situação só mudará com a luta organizada de todas as categorias de trabalhadores e também dos desempregados e estudantes, que devem lutar por medidas que resolvam seus problemas e não que os aumentem.

As mudanças necessárias para resolver os nossos problemas são:

- a redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais, sem redução de salários;
- o salário igual para trabalho igual;
- a Reforma Urbana (condições dignas de habitação, saúde, educação, transporte e lazer)
- a Reforma Agrária (terra para quem nela trabalha).

Os atuais governos – nas esferas federal, estaduais e municipais – não farão nada disso, ao contrário, estão a serviço dos exploradores.

A tarefa dos revolucionários é mobilizar o povo para lutar por essas medidas, porque é o povo brasileiro, organizado e sem ilusões nos governos que aí estão, que pode realizar as mudanças necessárias.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA: SOBRE A UNIFICAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES

Para contribuir na direção do que apontamos no editorial desta edição nº. 33 do jornal Rumos da Luta, anunciamos que a nossa publicação, até então um projeto conjunto da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e União Reconstrução Comunista (URC), passa a ser oficialmente o órgão central da URC, uma vez que as duas organizações passaram por um processo de unificação recentemente.

Trabalharemos para que essa unificação signifique um passo à frente na reconstrução do partido revolucionário do proletariado brasileiro, instrumento necessário para que tenhamos um direcionamento revolucionário para as lutas no sindicalismo e outras frentes que de fato defendam os nossos interesses de classe e para avançarmos no rumo da revolução socialista em nosso país.

E aproveitamos também para contar o histórico desse importante processo no desenvolvimento da nossa organização.

Tanto a URC quanto a CCT nasceram do descontentamento de diversos militantes com os rumos do movimento comunista brasileiro, dominado pelo oportunismo e pelo reboquismo, abandonando há muito tempo o horizonte revolucionário e os princípios fundamentais do marxismo-leninismo.

Diante desse cenário, a militância das organizações se cruzou primeiramente na concepção da campanha “Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência”, organizada desde 2019 com outros grupos e militantes independentes, com uma série de atividades como panfletagens, grupos de estudo, cinedebates, etc. em torno da questão nacional no Brasil e a luta anti-imperialista. Culminada a campanha em 2022, ano dos 200 anos da “independência” do nosso país, a campanha conseguiu colocar em debate essa questão fundamental para a luta do povo brasileiro, a defesa da soberania diante da dominação imperialista, um ponto muitas vezes subestimado pela esquerda brasileira.

O trabalho conjunto na agitação e propaganda na campanha “Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência” e os debates realizados entre URC e CCT fez com que avançássemos para a construção do jornal Rumos da Luta, um instrumento para ampliar nossos debates e nosso trabalho de divulgação e intervenção nas lutas populares em andamento.

Uma vez alcançada a unidade de ação, buscamos consolidar um processo de discussão sobre a Revolução brasileira e a necessidade da reconstrução do Partido em nosso país e após um longo e apurado processo de discussão, aprovamos, em uma reunião congressual em dezembro do ano passado, a unificação das duas organizações sob o nome da União Reconstrução Comunista (URC). Aprovamos também o documento “A conjuntura e as condições objetivas da luta revolucionária”, que também está publicado nesta edição nas páginas 4 e 5.



ORGANIZAR, LUTAR E VENCER

As organizações sindicais no Brasil e no mundo cumpriram importantes tarefas nas lutas dos trabalhadores, não por outros motivos foram tão combatidas e tanto se gastou para desmoralizarem o movimento sindical. Resistimos, mas não sem sangrarmos muito.

Mas é passada a hora de nos organizarmos para além da resistência e de reinaugurarmos um movimento sindical capaz de resistir sim, mas com forças para avançar sobre o capital e sua classe, a burguesia. Mas nada faremos sem entendermos que esse modelo de sindicalismo gestado no pós-Segunda Guerra Mundial, e que se instalou definitivamente entre os trabalhadores a partir de final dos anos 1970, precisa ser superado por um modelo combativo e capaz de enfrentar, desde que corretamente dirigido, o capitalismo.

SINDICALIZAR-SE É PRECISO

Por maiores que sejam nossas divergências com nossas organizações sindicais, sindicalizar-se é preciso!

Lutar por dentro das organizações sindicais é um direito dos trabalhadores, mas, acima de tudo, é um dever de classe, somente as lutas sindicais corretamente dirigidas foram capazes de garantir direitos aos trabalhadores dentro do sistema capitalista, renunciar às nossas organizações é um erro histórico e somente favorece os interesses da burguesia.

LUTAR DENTRO DOS SINDICATOS

Qualquer proposta de luta que tenha por princípio a luta por fora dos sindicatos é uma proposta que só favorece os interesses do capital e é tudo o que a burguesia deseja.

A luta deve ser por dentro dos sindicatos, fortalecer nossas organizações

sindicais é dever de todo trabalhador e ir contra essa lógica é ir contra os interesses e os direitos da massa trabalhadora.

DISPUTAR OS SINDICATOS

Por mais que entendamos que é preciso estar organizado nos sindicatos, também estamos cientes de que muitas direções sindicais foram cooptadas pela burguesia e cumprem papel desagregador entre a massa trabalhadora, por isso é fundamental que nos organizemos em nossos sindicatos, que façamos as lutas por dentro deles e que organizemos ou apoiemos chapas com camaradas comprometidos com os interesses dos trabalhadores.

É preciso disputar a direção dos nossos sindicatos, não é uma luta fácil, pois em muitos sindicatos será preciso reorganizar uma oposição de vanguarda e de luta. Enquanto não formos capazes de disputar e ganhar nossas organizações, nossa tarefa é reorganizar a oposição sindical e pressionar as direções sindicais no sentido de tomarem posições favoráveis aos interesses dos trabalhadores.

PELA UNIFICAÇÃO DAS LUTAS DOS TRABALHADORES

É preciso que exista uma central sindical comprometida com a unificação das lutas dos trabalhadores.

As centrais que existem hoje são uma farsa a serviço do capital e totalmente dirigidas pelos interesses da burguesia. Atualmente a maior central sindical do Brasil é a Central Única dos Trabalhadores (CUT), mas existem outras 15 centrais no Brasil, todas elas mais ou menos influenciadas ideologicamente pela direção da CUT, todas comprometidas com os interesses burgueses!

Não existe, por parte destas centrais, interesse em unificar a luta dos trabalhado-

res e enfrentar o Estado burguês através de lutas gerais, organizadas e dirigidas pelos interesses da massa trabalhadora.

É tarefa da massa trabalhadora a re-fundação de um novo movimento sindical e com ele de uma central de fato única e unificadora das lutas!

A RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

A história nos prova que os poucos momentos em que os trabalhadores em países dominados pelo capital experimentaram melhorias em suas condições de vida se deram quando havia uma oposição real dirigindo a luta da massa trabalhadora no mundo.

O capital precisa temer a massa trabalhadora, para isso é necessário que a direção dos interesses dos trabalhadores se dê a partir da existência real de um partido comprometido com estes interesses e que não esteja, como estão no Brasil, os partidos da esquerda da ordem, comprometidos com os interesses burgueses.

É necessário que reconstruamos o partido revolucionário no Brasil e que este partido cresça e tenha a capacidade de dirigir as lutas dos trabalhadores.

Não tenhamos ilusões com estes partidos, nada podem apresentar de novo que não seja, em sua essência, burguês até à medula!

NOSSA TAREFA HISTÓRICA

Organização, luta e vitória!

Se desejamos alcançá-las será necessário cumprirmos nossa tarefa histórica. E qual é ela?

Superar o capitalismo, derrotar sua classe social dominante: a burguesia; e reorganizarmos as bases da produção em uma sociedade socialista.



A CONJUNTURA E AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DA LUTA REVOLUCIONÁRIA

A crise do sistema capitalista mundial, cujo atual ciclo destrutivo se iniciou em 2008, que se arrasta há mais de uma década demonstra cada vez mais o seu rumo: o aumento da superexploração dos trabalhadores em todo o mundo e o caminho da guerra.

O sistema capitalista monopolista global afunda cada vez mais em uma espiral descendente de estagnação generalizada e prolongada, à medida que os povos e nações oprimidas estão envolvidas em dívidas e dificuldades econômicas e as grandes potências imperialistas não conseguem recuperar-se da crise.

Como consequência, os trabalhadores e trabalhadoras de todo o mundo pagam um custo cada vez mais caro por uma crise que não causaram: sofrem com a fome, a pobreza, condições de traba-

lho intoleráveis, salários insuportáveis e a erosão dos direitos democráticos conquistados com a sua luta e seu sangue.

Neste cenário, a deterioração das condições de vida das massas trabalhadoras se amplia cada vez mais rapidamente, se tornando mais insuportável, em um processo que os imperialistas agem cada vez mais inescrupulosamente para ampliar a exploração e extrair superlucros para tentar salvar-se da bancarrota da crise.

A velha receita neoliberal imposta pelo imperialismo dos EUA e seus sócios menores através de instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, já moldaram a economia dos países dominados para ser fontes de mão-de-obra barata e exportação de recursos naturais. Isso causou na maioria dos países pobres e em desenvolvimen-

to o desemprego em massa, a disparada dos preços dos alimentos, da habitação, do combustível e de outros produtos básicos, o arrocho de salários e os problemas climáticos que empurram as massas para a extrema pobreza e o deslocamento e migração forçada a nível global. Como consequência da crise econômica e das guerras, existem hoje mais de 280 milhões de pessoas no mundo na condição de migrantes. Esse contingente é usado pela burguesia como mão-de-obra barata, vítima que é da superexploração, do trabalho em condições de escravidão, entre outros problemas, gerando uma pressão no proletariado para aceitar condições de trabalho precárias e salários mais baixos.

A vida das massas populares chegou a um ponto de sofrimento, em níveis e

extensão, que não era visto desde a Segunda Guerra Mundial. São 56 conflitos ativos, envolvendo 92 países, com um número recorde de 120 milhões de pessoas deslocadas em todo o mundo, de acordo com a ONU.

E para tentar frear a justa resistência dos povos diante da crise geral do capitalismo, cada vez mais se impõe regimes mais brutais e fascistas, esvaziando até mesmo a velha propaganda da “democracia burguesa”.

Por isso o imperialismo estadunidense amplia cada vez mais sua sanha armamentista e busca arrastar diversas regiões do planeta para a guerra e assim alimentar a sua indústria bélica e visualizar alguma saída da sua crise econômica latente.

Os Estados Unidos usam os seus aliados e estados fantoches para manter guerras por procuração e guerras contrarrevolucionárias contra os seus rivais na disputa pelo maior controle de maiores mercados e de mais fontes de matérias primas e mão-de-obra, agindo assim – como o fez e faz há décadas – para manter suas esferas de influência econômica e política em todo o mundo.

É o que ocorre desde 2021 com o conflito na Ucrânia, impulsionado pela OTAN em seu cerco à Rússia com o despejo de bilhões de dólares e euros para sustentar o fascista Zelensky no poder para buscar uma improvável queda do regime comandado por Putin.

Diante da maior ameaça a sua hegemonia, os Estados Unidos avançam em provocações de guerra contra a China, utilizando-se da questão de Taiwan como centro do seu plano para uma guerra por procuração e aumentando cada vez mais sua presença militar na região, tendo as Filipinas como principal fonte da ampliação das suas bases militares.

Também faz parte do plano reforçar o apoio a regimes autoritários e o financiamento do Terrorismo de Estado em países nos quais se desenvolve em diversos níveis a resistência popular, armada e desarmada. São os exemplos da Turquia, das Filipinas, da Indonésia, da Índia e outros locais nos quais avançam vigorosamente a luta pela libertação nacional e pela democracia para o povo. O imperialismo cada vez mais apertado o cerco contra países que afirmam a sua independência e soberania, como Venezuela, Cuba, República Popular Democrática da Coreia, Irã e Nicarágua, utilizando-se de embargos econômicos, do isolamento e das sanções.

O genocídio em andamento na Palestina desde 1948 e agora acelerado desde a histórica ação da resistência palestina da operação “Dilúvio de Al-Aqsa” com o fascista Netanyahu no comando da Entidade Sionista também faz parte desse movimento geral do imperialismo, utilizando Israel como a ponta de lança para a tentativa de dominar todo o Oriente Médio. Depois de todo o sangue derramado na Faixa de Gaza, o sionismo avança contra o Líbano, o Iêmen, a Síria e o Irã, para tentar avançar nos seus planos racistas com o patrocínio

das bombas “made in USA”.

Diante desse cenário geral, é necessário, como dizia Mao Tsé-tung, “abandonar as ilusões e preparar-se para a guerra”. As plataformas reformistas vendidas pela social-democracia se provaram desde a início dessa grande crise capitalista completamente ineficientes para defender os interesses das massas trabalhadoras. Pelo contrário, mesmo os governos de diferentes vertizes mais ou menos progressistas, se puseram ao lado da burguesia aplicando medidas neoliberais e cortes de gastos públicos e de direitos para atender os interesses das elites econômicas locais e internacionais. Seja na América Latina, com o que restou da chamada “onda progressista” do início dos anos 2000, em países como Brasil, Equador ou Bolívia, seja em países europeus com uma “esquerda” mais moderna, como o Syriza na Grécia ou o Podemos na Espanha, todos aplicam as mesmas políticas das velhas e novas figuras da direita e da extrema-direita: salvar os lucros burgueses às custas da vida do povo.

É necessário observar a crescente resistência popular em todo o mundo, contra a retirada de direitos, contra os efeitos da crise climática, no meio das guerras étnicas e religiosas alimentadas pelos imperialistas, a luta pela terra e os direitos dos camponeses, dos povos originários pela defesa de seus territórios e inúmeras outras lutas em andamento e apoiá-las.

A conjuntura internacional demonstra que as condições objetivas para um avanço da luta revolucionária estão dadas e que o avanço das lutas anti-imperialistas e democráticas dos povos do mundo tendem a crescer e se desenvolver cada vez mais. Por isso é necessário que se evolua na compreensão desse cenário e na construção de uma linha política correta, que retome os princípios do marxismo-leninismo e corrija os desvios oportunistas de “esquerda” e de direita, para fazer avançar a luta dos povos de todo o mundo.

Evidentemente este cenário geral, como não poderia deixar de ser se manifesta amplamente na nossa conjuntura brasileira e nas lutas de classes em andamento em nosso país. Por isso é necessário que atuemos cada vez mais firmemente apontando tais problemas.

A regressão política acompanha naturalmente o conjunto da regressão social. Assistimos a um rebaixamento cada vez maior das disputas eleitorais, com os partidos e candidatos a serviço da burguesia na luta de classes evitando a discussão dos problemas que atingem as maiorias nacionais, pois não podem apresentar soluções a esses problemas. A social-democracia (esquerda da ordem) e os partidos fascizantes vão se revezando nos governos, aplicando as mesmas medidas econômicas, diferenciando-se apenas no discurso, no que se refere às pautas progressistas. Por essa razão, por toda parte, verifica-se um grau enorme de abstenção eleitoral.

A regressão ideológica e cultural

vincula-se também à regressão econômica e política. As privatizações nos serviços públicos têm uma relação direta com as instituições religiosas. O Estado burguês busca se livrar da responsabilidade com a oferta de serviços públicos, entregando-os à iniciativa privada, não apenas, mas também, de instituições religiosas, que entregam um serviço minguido e precário. Sobretudo as instituições vinculadas às grandes religiões são beneficiárias desse processo e como tal, não poderiam deixar de cumprir o seu papel de dificultar aos trabalhadores a compreensão lógica da regressão. O fundamentalismo religioso cumpre aqui um papel de vital importância para a burguesia, que trata de fortalecê-lo. Além disso, não podemos esquecer o papel que ele cumpre no fomento das guerras imperialistas.

Em nosso país, deve-se destacar o papel da social-democracia, que como poderosa corrente política a serviço da burguesia imperialista, com forte presença no movimento sindical proletário, busca desviar os trabalhadores da luta por seus objetivos. A luta pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários, é olímpicamente ignorada pelas organizações controladas pela social-democracia. Ao contrário, essa corrente difunde entre os trabalhadores as teorias que afirmam que o que causa o desemprego são as novas tecnologias. A Federação Sindical Mundial (FSM) aprovou em 2022, realizar uma campanha pelas 35 horas semanais, mas não percebemos nenhum esforço da parte das organizações que fazem parte da organização no Brasil em realizá-la, como quase nada foi feito para reverter a reforma trabalhista empurrada goela abaixo dos trabalhadores brasileiros há alguns anos.

Por todas essas razões, constatamos que a correlação de forças na luta de classes no Brasil permanece desfavorável ao proletariado, com o aumento dos níveis de exploração da mais-valia, da opressão política e da dominação ideológica, situação essa que coloca uma série de tarefas inadiáveis para a organização revolucionária do proletariado brasileiro.

A luta pela reconstrução do partido revolucionário do proletariado entre nós, não está separada, mas vincula-se à luta pela organização de frentes de massa classistas no movimento sindical e de bairros, para o desenvolvimento e participação nas lutas em curso. Nesse processo, devemos fazer o combate ideológico, a denúncia das manobras burguesas e seus cúmplices entre os trabalhadores. É necessária a definição de um programa mínimo, que inclua a redução da jornada de trabalho sem redução de salários e a reforma agrária e é preciso realizar campanhas para divulgação desse programa, visando o fortalecimento da luta por sua aplicação.

Documento aprovado na reunião congressual que unificou URC/CCT em dezembro de 2024

Professores e indígenas na luta contra os ataques contra a Educação no Pará

Depois de fecharmos o ano passado com um saldo de inúmeros ataques a direitos e cortes nos gastos públicos em setores fundamentais do serviço público como Saúde e Educação levados a cabo em uma parceria bastante afinada entre o Governo Federal e o Congresso Nacional, entre lulistas e reacionários, isso também se repetiu e repetirá ainda mais em 2025 nos âmbitos estaduais e municipais.

É o exemplo claro do que está acontecendo no Estado do Pará, que causou a justa revolta dos povos indígenas que ocupam desde o dia 14 de janeiro a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), em Belém, pedindo a revogação imediata da Lei 10.820/2024, aprovada pelo Legislativo paraense em votação fechada e com repressão aos professores que protestavam na ocasião.

O ataque, aprovado em 19 de dezembro, alterou o plano de gratificações do Sistema Modular de Ensino (Some) e de sua versão para os povos indígenas (Somei). Com esse corte de gastos, os professores que atuam nas regiões mais remotas do Estado, não terão o dinheiro suficiente para se manter e atuar nessas áreas, uma vez que já pagavam todo o deslocamento, hospedagem, alimentação e até os materiais pedagógicos.

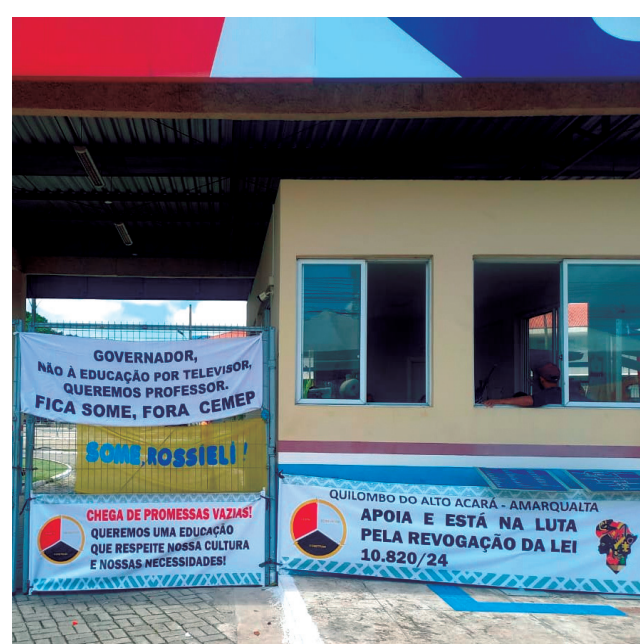
Para fingir que fez algo, a Secretaria de Educação do Estado governado por Helder Barbalho (MDB), anunciou que usará o Centro de Mídias da Educação Paraense (Cemep) oferecerá ensino à distância, nessas áreas do interior, precarizando o processo de aprendizagem da grande maioria dos estudantes paraenses. Ros-

sieli Soares (PSDB) que está a frente da pasta da Educação no Pará, é conhecido por ter atuado como Secretário de Educação em São Paulo e Amazonas, além de ter sido Ministro da Educação do presidente Michel Temer, e em todas essas ocasiões também esteve à frente de ataques à Educação e aos professores.

Segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), "os Sistemas de Organização Modular de Ensino (SOME) e SOMEI, revogados na nova legislação, asseguram o ensino fundamental e médio presencial em comunidades rurais, indígenas, quilombolas e ribeirinhas, que enfrentam dificuldades de acesso e infraestrutura, por meio de parcerias entre municípios e o governo estadual".

Por isso, cerca de 500 pessoas seguem ocupando a sede da Secretaria de Educação do Pará, com representantes indígenas das etnias Wai-wai, Mundurucu, Tembé, Xikrin, Tupinambá, Arapiun, Tupayu, Tapuia, Warau, Kumaruara, Borari, Maytapu, Jaraqui e Turiwara. Em apoio à reivindicação dos povos originários, os professores e professoras do Pará entraram em greve no dia 23 de janeiro para ampliar o movimento de defesa da Educação, também exigindo a revogação dessa lei que ameaça o acesso ao ensino de boa parcela dos estudantes de regiões remotas do Estado.

Os ataques à Educação devem se espalhar por todo o país, como já está acontecendo no Pará, em São Paulo e outros locais. Os trabalhadores devem se preparar para enfrentar decididamente contra isso como estamos vendo o exemplo no Pará.



RUMOS DA LUTA

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano, seguimos com o nosso plano de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa 12 edições do Rumos da Luta e assim também contribui com a publicação da URC.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal

LAUDELINA DE CAMPOS MELO, E A LUTA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Laudelina de Campos Melo, neta de escravos e filha de pais alforriados pela Lei do Ventre Livre em 1871. Seu pai morreu quando Laudelina tinha doze anos, atingido por uma árvore que cortava com outros dois filhos. Nascida em Poços de Caldas (MG), no dia 12 de outubro de 1904, foi obrigada a trabalhar desde os sete anos de idade, abandonou a escola para cuidar dos cinco irmãos mais novos, enquanto a mãe trabalhava. Laudelina mostrou sua vocação de liderança política desde cedo. Aos 16 anos, a mineira foi eleita presidenta do Clube 13 de Maio, que promovia atividades recreativas para a população negra de sua cidade.

Mudou-se para a cidade de São Paulo aos dezoito anos e casou-se aos vinte anos, com Geremias Henrique Campos Mello. Em 1924 foi morar na cidade de Santos, onde teve seu primeiro filho.

Junto do marido, Laudelina participou da agremiação Saudade de Campinas, grupo que valorizava a cultura negra em Santos. Laudelina passou a atuar de forma mais intensa em movimentos populares, de cunho político e reivindicatório, especialmente depois de se filiar ao Partido Comunista Brasileiro, em 1936. O casal se separou em 1938 com dois filhos. Neste ano Laudelina fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos do país, fechada durante o Estado Novo, e voltando a funcionar em 1946, primeira entidade voltada à defesa e representação dos trabalhadores domésticos no Brasil. Várias outras associações começaram a surgir na cidade de São Paulo, sob a coordenação do professor Geraldo de Campos Oliveira, presidente do Clube Cultural Recreativo do Negro e membro do Partido Libertador. Laudelina também trabalhou para a fundação da Frente Negra Brasileira, militando na maior associação da história do movimento negro, que chegou a ter trinta mil filiados ao longo da década de 1930.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Laudelina chegou a se alistar como voluntária para trabalhar nas forças armadas do Brasil, buscando ajudar na luta contra o nazifascismo que assolava o mundo.

Em 1948, a família para a qual Laudelina trabalhava a convidou para ser gerente do hotel fazenda que possuíam em Mogi das Cruzes, onde permaneceu por três anos. Com a morte da matriarca da família, Laudelina foi para Campinas, cidade que dava preferência às empregadas brancas, o que levou Laudelina a protestar junto do Correio Popular por veicular anúncios preconceituosos. Integrou-se ao Movimento Negro de Campinas, participando de eventos que visavam levantar a autoestima da comunidade negra, com teatros e palestras, inclusive promovendo, em 1957, um baile de debutantes (Baile Pérola Negra) para jovens negras, no Teatro Municipal de Campinas. Em 1961, obteve o apoio do Sindicato da Construção Civil de Campinas para fundar, em suas dependências, a associação de empregadas domésticas.



A Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas esteve em diversas frentes e lutas, em especial contra o preconceito racial. Mil e duzentas empregadas domésticas estiveram no ato da inauguração da associação, em 18 de maio de 1961. No ano seguinte, foi convidada para participar da organização de diversos sindicatos da categoria em outros estados, participando também de movimentos negros e feministas.

Para que a associação não fechasse, devido ao Golpe de Estado de 1964, Laudelina aceitou abrigá-la na União Democrática Nacional (UDN). A entidade acabou se dissociando, depois que Laudelina ficou doente em 1968, o que a levou a se desvincular do movimento de empregadas domésticas. Voltou à direção em 1982, por insistência de suas antigas companheiras.

Em 1988, a associação se tornou Sindicato das Empregadas Domésticas e continuou a lutar em favor do direito das empregadas domésticas, combatendo a dis-

criminação da sociedade em relação às empregadas domésticas, exigindo melhor remuneração e igualdade de direitos sociais.

Em 1989, foi criada a organização não governamental Casa Laudelina de Campos Mello, dedicada a celebrar a atuação e militância de Laudelina, fundamentais para a conquista do direito à carteira de trabalho e à previdência social.

Faleceu em 1991, aos 86 anos, em Campinas. Laudelina deixou sua casa para a Associação Profissional Beneficente de Empregadas Domésticas em Campinas, sindicato que ajudou a fundar.

O documentário "Laudelina: Lutas e Conquistas", produzido em 2015 numa parceria entre o Museu da Cidade e o Museu da Imagem e do Som (MIS), ambos de Campinas, celebra a história de vida da líder sindical. O filme combina a interpretação da atriz Olívia Araújo e trechos de uma histórica entrevista com a ativista realizada em 1989. A obra pode ser assistida gratuitamente no youtube.



NOTAS DE LEITURA DE “QUE FAZER?” DE LENIN

Sobre essas notas que recolhemos do livro de Lenin, extraídas do tomo I das Obras Escolhidas em 3 tomos publicadas pela Editora Avante, cabe alguns esclarecimentos preliminares.

Quem tem alguma familiaridade com os escritos de Lenin, sabe que eles são de alguém que sempre estava preocupado com questões de organização. Escrevesse ele sobre filosofia, economia, política, etc., tais escritos sempre tinham uma finalidade prática determinada, um combate que Lenin entendia necessário ser feito.

Nessas notas que apresentamos, tivemos a preocupação, a nosso ver útil, de salientar questões polêmicas, sempre discutidas no movimento operário e comunista, a saber: o caráter da organização, a questão da espontaneidade, a questão da tática plano e a tática processo, a questão de se a consciência vem de fora ou vem de dentro. A obra “Que Fazer?” foi escrita em 1902 e nessa época, a expressão social-democrata tinha um sentido revolucionário, sentido esse que deixou de ter após 1914. Assim, quando aparecer essa expressão nas citações da obra, é preciso entendê-la no sentido antigo.

Já no prefácio, Lenin escreve: “(...) Além disso, a exposição das minhas ideias sobre o caráter e o conteúdo da agitação política converteu-se numa explicação da diferença entre política sindicalista e política social-democrata, e a exposição das minhas ideias sobre as tarefas de organização numa explicação da diferença entre os métodos artesanais de trabalho, que satisfazem os “economicistas”, e a organização de revolucionários que consideramos indispensável. (...)” [página 82]

Sobre a espontaneidade diz: “Mas por que razão – perguntará o leitor – o movimento espontâneo; o movimento pela linha de menor resistência, conduz precisamente à supremacia da ideologia burguesa? Pela simples razão de que a ideologia burguesa é muito mais antiga pela sua origem do que a ideologia socialista, de que está mais completamente elaborada e possui meios de difusão incomparavelmente mais poderosos. E quanto mais jovem é o movimento socialista em um país, tanto mais enérgica deve ser, por isso mesmo, a luta contra todas as tentativas de consolidar a ideologia não socialista, tanto mais resolutamente se deve prevenir os operários contra os maus conselheiros que gritam contra o ‘exagero do elemento

consciente’, etc. Os autores da carta ‘economicista’, fazendo coro com a Rab Dielo, arremetem contra a intransigência própria do período infantil do movimento. A isso respondemos: sim, efetivamente, o nosso movimento está ainda na sua infância, e para que atinja mais rapidamente a maturidade deve precisamente imbuir-se de intransigência contra aqueles que, prosperando-se perante a espontaneidade, travam o seu desenvolvimento. Não há nada mais ridículo e mais nocivo do que presumir de velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!” [página 109] “Assim, persuadimo-nos de que o erro fundamental da “nova tendência” da social-democracia russa é o de ajoelhar-se perante a espontaneidade, o de não compreender que a espontaneidade das massas exige de nós, sociais-democratas, uma elevada consciência. Quanto mais poderoso for o ascenso espontâneo das massas, quanto mais amplo se tornar o movimento, tanto maior, incomparavelmente maior, será a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, quer no trabalho teórico quer no político e no de organização da social-democracia.” [página 116]

Sobre a consciência, Lenin afirma: “A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera em que se pode obter esses conhecimentos, é na esfera das relações de todas as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de todas as classes entre si. Por isso, à pergunta: ‘que fazer para levar conhecimento político aos operários?’, não se pode dar unicamente a resposta com que se contentam, na maioria dos casos, os militantes dedicados ao trabalho prático, sem falar já dos que pendem para o ‘economicismo’, ou seja: ‘Há que ir aos operários’. Para levar aos operários conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar para toda a parte destacamentos de seu exército.” [página 135-136] (...) A falta de preparação prática, a falta de habilidade no trabalho de organização são, com efeito, coisas comuns a todos nós, mesmo àqueles que, desde o início, mantiveram inflexivelmente o ponto de vista do marxismo revolucionário (...) [página 152] (...) Estas duas tendências, a oportunista

e a “revolucionarista”, capitulam perante o trabalho artesanal imperante, não acreditam na possibilidade de se libertar dele, não compreendem a nossa primeira e mais urgente tarefa prática: criar uma organização de revolucionários capaz de dar à luta política energia, firmeza e continuidade.” [página 153]

“No entanto, hoje, em parte devido a essas escolhas, o movimento comunista está enfrentando um problema que é incompatível com seu caráter revolucionário. Em uma era em que a esfera política é constantemente moldada pelo ‘novo fetichismo’ do capital, os partidos comunistas são retratados como atores do passado que ‘nunca tiveram sucesso’. Sem dúvida, as campanhas massivas conduzidas por imperialistas usando recursos tremendos tiveram um impacto significativo na criação dessa percepção. No entanto, atribuir a situação atual apenas a essas campanhas seria simplificar e subestimar o problema. Os partidos comunistas, estando entre os partidos mais antigos em muitos países devido às suas datas de fundação, após longos anos de lutas árduas, grandes sucessos e, às vezes, grandes derrotas, ainda não forneceram uma solução para os problemas da humanidade. Essa é a percepção generalizada. Alguns partidos comunistas ou ‘antigos’ comunistas, pensando que essa percepção não pode ser superada, tentam ascender tornando-se parte do “novo fetichismo” na política burguesa e competindo neste campo, e eventualmente se tornam parte da política burguesa. Fazer política por meio de indivíduos, adotar a linguagem da cultura popular, recuar conceitualmente do marxismo-leninismo, deformar a cultura da ação e da vida organizacional para torná-la aberta a formas liberais são elos dessa transformação. No entanto, a poluição criada por essas iniciativas, que são inúteis, exceto como acessórios para a política burguesa, não elimina a existência do problema. Os partidos comunistas devem provar que não estão desatualizados”. [Trecho da resolução do Partido Comunista da Turquia]

Não vamos nos estender aqui em comentários sobre essas notas de “Que Fazer?”, as quais acrescentamos esse trecho de resoluções de congresso recente do Partido Comunista da Turquia. Além disso, como é evidente, a leitura e discussão dessas notas não dispensa o estudo atento dessa obra.